

Tradução de João Reis

Erling Jepsen

A ARTE
DE CHORAR
EM CORO

Συγλøια Σδitorα

Título: *A Arte de Chorar em Coro*
Título Original: *Kunsten at græde i kor*
Autor: Erling Jepsen
Tradução: João Reis
Revisão: João Reis e Natália Reis
Conceção gráfica: Susana Lima
Impressão: Nova Lello
1ª edição: outubro de 2011
Tiragem: 1000 exemplares

KUNSTEN AT GRÆDE I KOR

Copyright © 2002 por Erling Jepsen

Publicado por acordo com Borgens Forlag A/S, Copenhagen
e Leonhardt & Høier Literary Agency A/S, Copenhagen

Todos os direitos reservados para Portugal por:

© **Eucleia Editora, 2011**

Vila Nova de Gaia

T: 922259792

eucleia.editora@gmail.com

<http://eucleiaeditora.com>

ISBN: 978-989-8443-12-0

Depósito Legal: 332219/11

De acordo com a legislação vigente, o uso indevido desta obra constitui crime e está sujeita a coima ou pena de prisão.

Os livros da Eucleia Editora respeitam as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

Partes deste romance inspiram-se em histórias e recordações do Sul da Jutlândia. Contudo, o autor deseja enfatizar que todas as personagens, lugares e acontecimentos do livro são fictícios.

E.J.

Capítulo 1

O poder das palavras

Dizem uma palavra na televisão, uma palavra que não compreendo. Di-la uma mulher, lenta e claramente, como se para que todos a entendam. Mas isso só piora as coisas, porque o que ela diz não tem nada a ver com o que vejo. De resto, a televisão é muito boa; acabámos de comprá-la – fomos os últimos da rua – e eu vim a correr da escola até casa. E agora acontece *isto*.

A palavra é *hábito*. Não é uma palavra particularmente comprida, e sinto-me um pouco atrapalhado, visto que já fiz 11 anos. Não há ninguém para ma explicar, estou sentado a sós na sala.

Corro até à cozinha e espero junto à porta da loja. A mãe está a atender os clientes; demora uma eternidade, até, por fim, vir ter comigo.

– Hábito? – pergunta. Ela senta-se na cadeira da cozinha com um pano da louça na mão; ela pensa melhor com um pano da louça na mão. Enquanto o retorce, olha para o chão, e depois, pela janela.

– É quando se faz algo tão frequentemente que acaba por se tornar um hábito.

– É assim em tudo?

– Sim – diz ela.

Pensa só na possibilidade de algo que fazes poder passar de uma coisa a outra totalmente diferente só porque o fazes com a frequência suficiente. É difícil de entender. Pode ser verdade?

– Tem alguma coisa a ver com a água – digo eu. – Estava uma torneira na televisão quando a senhora disse isso.

– Não entendo isso – diz a mãe.

– Mas é verdade, ela estava ao lado de uma torneira quando o disse.

A mãe torce novamente o pano da louça. Em seguida, continua, mas com exemplos: é um hábito que comamos papas de aveia de manhã porque o fazemos sempre. É um hábito o pai distribuir o leite, e por aí fora, mas eu interrompo-a. Não pode ser verdade. Tem algo a ver com a água, isso é certo.

– Temos de esperar que o pai chegue a casa – diz ela, por fim.

– Não, quero-o saber agora, por que não o sabes?

– Eu sei, mas não acredito em mim.

Não, eu não acredito nela, de todo. A mãe não é a melhor para explicar palavras, e ela também o sabe bem – se não, por que se apoia ela no pai? É porque ele sabe mais, as palavras são a sua especialidade, e tenho de lhe perguntar. Não que tenha nada contra, pois o pai fica muito contente e é bom para a mãe, e assim fica tudo bem. É também o pai quem me ajuda com os deveres, sobretudo desde que passei para o quinto ano e passei a receber notas. E ele lê muito mais o jornal do que a mãe e usa óculos para ler, mas costuma coçar-se na orelha com a ponta de uma caneta, que depois, se metes, por acaso, na boca, te sabe a queijo rançoso. Por outro lado, é a mãe quem reza comigo à noite, quando me deito na cama; nisso é melhor.

Ela quer que eu tenha um anjo pendurado à cabeceira da cama, mas não pode ser, pois aí está pendurado o Tarzan. Ele é, para mim, um género de anjo da guarda, e acho que a mãe também o vê com bons olhos. Pelo menos, não o tirou de lá. Uma noite, perguntei-lhe para que servia de facto esse tal Pai-Nosso, e ela disse que era para eu não cair abaixo da cama a meio da noite e magoar-me. Disse-o sem pestanejar, por isso não fiz mais perguntas.

Batem à porta, e a mãe vai abri-la. É a minha amiga Mette.

– Já têm televisão? – pergunta ela. – Posso vê-la?

– Claro que podes – diz a mãe, mas eu coloco-me entre as duas e empurro a Mette.

Digo: – Não, não podes, é uma televisão de treta!

– Já está estragada?

– Claro que não – diz a mãe enquanto acompanha a Mette até à sala.

– Ele está a mentir?

Empurro-a novamente. Por que é que ela simplesmente não vai para casa? A mãe diz que estou a ser injusto; passei todo o último ano a ir a casa dos pais da Mette para ver televisão, e eles nunca me disseram que não. A mãe tem razão; nesse aspeto, os vizinhos do outro lado da rua são muito gentis. Só tenho de me lembrar de dizer: «Adeus e obrigado por me deixarem ver televisão», quando vou embora, e isso é, na verdade, muito fácil. Gradualmente, acabei por dizê-lo tão rapidamente que ninguém me entende. «Adeuseobrigadopormedeixaremvertelevião.» «O que dizes?», perguntam-me eles, virando-se, admirados, para me ver. Mas então já fui embora.

A Mette senta-se em frente ao ecrã e a mãe volta para a cozinha. A Mette é um par de anos mais nova do que eu, e tenho de ser bom para ela, dizem eles, e aturá-la, pois sou o maior. Mas não tenho culpa

de ser o maior; ela é que é muito pequena. Ela vira-se para mim e sorri de um modo que não me deixa outra solução a não ser dar-lhe um puxão nos totós. Ela grita como uma maluca e corre até à minha mãe, que me manda para a cama, embora eu não durma a sesta há muito tempo. Devo ficar lá deitado e esperar que o pai chegue a casa, diz ela.

A mãe acha que me deito com medo, mas não faço nada disso. Espero que o pai chegue a casa em breve, e tenho a certeza que ele me explicará o que significa hábito de modo que eu compreenda; ele sabe dessas coisas, sabe tudo sobre *palavras*.

Ouço a carrinha de distribuição do leite e, pouco depois, o pai a descarregar as mercadorias. Em seguida, conversam na sala, e agora ouço os passos do pai nas escadas. É melhor que me vá preparando para levar um sermão – ou para o pior.

O pai entra no meu quarto e senta-se ao lado da minha cama. A sua grande mão quente agarra a minha sobre o edredão, e um ligeiro sorriso aparece-lhe nos lábios.

– Queres mesmo saber o que significa hábito?

– Sim – digo.

– É quando se faz algo tão frequentemente que acaba por se tornar um hábito.

Raios, precisamente o que a mãe disse!

– Mas tem alguma coisa a ver com água – começo eu outra vez.

– Havia uma torneira...

– É possível que estivessem a dizer que depois de se ir ao quarto de banho se deve lavar as mãos, não é? Isso é um hábito, o de lavar as mãos quando se vai ao quarto de banho. É o que isso significa.

O pai não tem dúvidas, e parece-me até que lhe é demasiado fácil. Está muito seguro de saber a resposta, a única resposta possível, e eu empanturro-me com ela e fico cada vez mais calmo.

– Então é isso – digo –, é quando se vai ao quarto de banho...

– Sim – diz ele.

– Por que é que a mãe não mo disse?

– A mãe explicou-te o melhor que pôde – responde. – Agora levanta-te e vai brincar lá para baixo.

Levanto-me e sinto que percebi tudo, e que qualquer coisa neste mundo é boa desde que tenha o pai para ma explicar. O pai com as suas grandes mãos quentes.

A mãe parece ter menos um centímetro do que eu quando desço, mas acho que isso não a preocupa muito, pelo contrário. Ela sorri e diz que o pai sabe tudo.

– Tudo? – pergunto.

O pai está atrás dela, a ler um jornal, e coça-se na orelha com a ponta de uma caneta. Ele dá uma risada e ela demora pouco para responder.

– Tudo – diz ela.

Temos de mudar um pouco os móveis na sala para que todos possamos ficar três metros afastados do ecrã. E devem ser três metros, todos o sabem; sentar-se mais perto ou mais longe pode causar lesões oculares permanentes.

No canal dinamarquês está a dar um programa sobre arte moderna. Os espetadores visitam um museu com quadros e esculturas, que não se sabe o que são até que um homem repete várias vezes que é essa a ideia, a de que não se saiba. Sentamo-nos durante meia hora enquanto nos relanceamos. Então, a mãe sugere timidamente que mudemos para o canal alemão.

– A meio de um programa? – pergunta o pai.

– Não, quando este acabar, é claro – apressa-se ela a acrescentar.

Continuamos assim mais um quarto de hora, sem dizer uma palavra, e eu começo a sentir dores na barriga, e a Sanne, a minha irmã mais velha, não consegue parar quieta com as pernas. Olhamo-nos um ao outro por um momento e percebo que pensamos o mesmo.

– Pode-se perfeitamente mudar de canal a meio de um programa – dizemos nós.

– Sei muito bem disso – diz o pai –, mas isso depressa se pode tornar um mau costume.

– Um hábito? – pergunto.

– Exatamente – diz ele. – E o que diriam os do programa se o soubessem?

– Não o saberão – diz a Sanne.

Não tenho tanta certeza, mas acho que deveríamos experimentar. E, pouco depois, o pai levanta-se e muda de canal. Sustemos todos a respiração quando ele roda o botão, esperando para ver se irá ter sucesso; agora vemos um programa alemão, e a imagem é tão definida quanto a do dinamarquês. É um programa de entretenimento; há um coro de mulheres com grandes peitos e canecas de cerveja que cantam êxitos alemães. A mãe endireita as costas e fica com um brilho nos olhos, porque, ao contrário de nós, entende alemão. A sua mãe era alemã, e ela passou a infância em Hamburgo. Não demora a acompanhar as canções: primeiro com uma voz apagada, mas que aumenta cada vez mais e, por fim, levantando a sua chávena de café – já que não tem uma caneca de cerveja –, e brindando com as pessoas que estão no outro lado do ecrã.

– Muda outra vez para o canal dinamarquês – diz a Sanne ao pai –, já pode estar a dar outra coisa.

– Queres que mude outra vez a meio de um programa? – pergunta ele.

A mãe não se atreve a dizer nada.

– Os pais da Mette fazem-no – digo.

– Muito bem – suspira o pai ao levantar-se da poltrona. – Mas esta é a última vez, não podemos passar o tempo todo para a frente e para trás, ou vamos ficar enjoados.

Contudo, a visita ao museu do canal dinamarquês não acabou, e parece estar onde a havíamos deixado. Nenhum de nós aguenta mais, mas não o queremos admitir, pois é a primeira noite em que temos a nossa própria televisão. A mãe começa novamente a cantar, baixinho, mas isso parece um pouco deslocado. O pai lança um olhar ao relógio de pêndulo.

– Já estamos nisto há uma hora – constata ele, desligando-a –, penso que mais não nos fará bem. Amanhã será outro dia.

Vesti o pijama e estou em cima de uma cadeira junto ao lavatório, onde escovo os dentes, e a mãe continua a cantar. Agora já não é em alemão, mas em dinamarquês, e assim nós também podemos acompanhar. O pai ajuda quando ela se esquece da letra, coisa que acontece frequentemente. Ele não canta, só recita as palavras. Sabe de cor quase todas as canções, tanto as do coro das escolas públicas, como os bons e velhos êxitos. Estes são provavelmente os mais cantados na nossa família, o que pode ser um pouco triste; mas não importa.

O pai recita a «Skamlingsbanken», e a mãe trauteia-a e, em seguida, cabe a vez à «Canção do Pato Selvagem» de Knud Pheiffer, um ninho muito abrigado e por aí fora; é o programa permanente. Sento-me num dos joelhos do pai, a Sanne no outro. Depois do «Pato Selvagem» aceitamos pedidos, e pedimos, obviamente, «Num Corredor do Hospital».

– O que eu imaginava – diz o pai –, não podemos pensar noutra coisa por uma noite?

– Vá lá – suplicamos –, é sábado.

E então ele começa, como habitualmente. Gosta de se fazer difícil.

A mãe tem uma lágrima no olho à segunda estrofe, e isso é como o tiro de partida; pouco depois, estamos todos a chorar, incluindo o pai, a Sanne, ainda que o não queira, e eu próprio. Choramos tanto que nos custa ouvir o que cantamos. Acaba por ser uma noite agradável. A minha dor de barriga também passou. Continuamos com a «Mãe, dá-me um cavalo», pendurados nos pescoços uns dos outros, e limitamo-nos a chorar e chorar até o relógio de pêndulo soar as horas – a Sanne e eu deveríamos ir para a cama, pois já é tarde. Pedimos e suplicamos para que nos deixem ficar a cantar mais uma, a da pobre mãe cujo filho se afoga no mar e que o encontra atirado à praia, e levamos a nossa por diante, embora seja mesmo a última. O pai fica com um nó na garganta, pois é a sua canção preferida, e ele quase não consegue dizer uma palavra; oh sim, isto sim, é uma noite de sábado como manda a lei, e a televisão pouco pode em relação a isso.

*

O pai está a podar a sebe. Subiu a um escadote para cortar a parte de cima e, de vez em quando, cai um ramo grande aos meus pés. Aproximo-me dele.

– Posso ajudar? – pergunto. – Posso usar a tesoura da poda?

Já a usei antes e não é nada difícil.

– Hoje não – diz ele –, os ramos são demasiado grandes. Mas podes apanhá-los.

Lanço-me imediatamente ao trabalho. Os ramos são muito grossos, consigo ver bem que tem de ser um homem adulto a cortá-los. Alguns caem no outro lado, no caminho junto ao nosso jardim.

– Devo apanhar primeiro os que caem no outro lado?

– Não, começa com os daqui.

O pai continua a podar, eu apanho os ramos e ponho-os num grande monte. A mãe traz-nos sumo, diz que avançámos muito e chama-nos de homenzarrões. O pai limpa o suor da testa, esvazia o copo de sumo de um só trago e dá uma palmadinha no rabo da mãe. Faço de conta que não vi nada, sobretudo quando ela devolve a palmada.

Quando se vai embora, não demora muito para que ouçamos um carro a aproximar-se pelo caminho. O pai fica rígido; isto pode tornar-se perigoso. Sobretudo quando se ouve um estalido no outro lado, alguma coisa que embate na carroçaria. O carro para e um homem grande sai a correr. Só pode ser o talhante Budde. É o dono do campo, que vem a descer até junto ao nosso jardim, e o caminho é seu.

– O que diabo...? Já não te disse para não fazeres isso? – grita ele através da sebe.

– O que se passa? – pergunta o pai com uma vozinha muito apagada. Quase não parece ele.

– Há ramos espalhados pelo meu campo, e um meteu-se atrás da roda.

– Eu vou... Vou agora mesmo...

O pai entra no caminho por uma abertura na sebe e ajuda-o a tirar o ramo.

– Desculpa – gagueja –, mas não tenho outra hipótese a não ser cortar a sebe.

– Não quero nada atirado para o meu terreno. Enfio-te o próximo ramo que encontrar pelo cu acima e bato-te com ele na cabeça!

O seu filho, Nisse, que tem a minha idade, está sentado no carro a rir desbragadamente. Por que é que o pai não diz nada? Ele, que tem as palavras em seu poder. Vê-se que ficou com uma branca, mas, por sorte, tem-me a mim:

– Pois então terá de cortá-lo primeiro – digo.

O Budde lança-me um olhar furioso e corro a colocar-me atrás do pai.

– Que é que disse o teu filho?

– Não ouvi – responde o pai, que depois se parte a rir! Que corajoso. É certo que tem a cabeça voltada para baixo, mas está a rir-se à frente do Budde! O Nisse abre a porta e sai do carro.

– Dá-lhe uma, pai!

O Budde, que é uma cabeça mais alto do que o pai, dá-lhe um empurrão e atira-o ao chão. Isto não augura nada de bom, até lhe cai a boina de leiteiro. Levanta-se, graças a Deus, rapidamente, e eu corro para lha devolver. Quando a põe, recupera um pouco e diz com uma voz quase serena:

– Não me voltas a fazer isso.

E então o Budde fá-lo outra vez! E, não satisfeito com isso, dá-lhe, quando já o tem de gatas, um pontapé no rabo!

– Então está bem! – grita o pai ao pôr-se de pé. Parece estar com olhos assustados. – Isto é uma agressão!

– Bem que lhe podes chamar assim – responde o Budde, agarando-o pelo colarinho. A boina de leiteiro volta a cair na erva; apanha-a e agarra-a com força. O Budde atira o pai contra a sebe. O pai

encontra a abertura e corre para o nosso lado, e eu corro atrás dele. Devolvo-lhe a boina e ele limpa-a um pouco antes de a pôr.

– Agora estou na minha propriedade – afirma, quase voltando a si. – Aqui não me podes tocar.

Bem dito, penso, tem as palavras em seu poder e isso também conta, conta e *muito*.

– Ah sim? A sério? – pergunta, no caminho, o Budde.

– Sim. E tenho direito a podar a minha sebe, que eu saiba. Do meu lado.

– Não tens direito a merda nenhuma – diz o Budde ao entrar no nosso jardim pela abertura. No nosso jardim!

– Não quero que podem a *minha* sebe, nem encontrar ramos atirados para o meu caminho: podes meter isso na cabeça, de uma vez por todas?

– Estás na minha propriedade, aqui não me podes tocar – repete o pai.

O Budde atira-o, com outro empurrão, para cima das roseiras e tira-lhe novamente a boina. Ele pica-se nas rosas e começa a sangrar da mão.

– Vou telefonar à polícia – queixa-se ele, mas, de repente, a cabeça do Nisse surge pela abertura da sebe.

– Dá-lhe um pontapé no cu, pai!

– Vamos telefonar à polícia – digo, enquanto começo a dar pontapés na canela do Budde. Nem se mexe, limitando-se a observar-me por um momento, considerando a possibilidade de também me dar uma lição.

– Tens sorte por ainda não seres crismado – explica. – Não bato a ninguém que ainda não tenha sido crismado.

Dou-lhe um último pontapé na perna, agarro o meu pai pela

mão e arrasto-o para casa. Não nos viramos até chegarmos à porta das traseiras. Felizmente, já foram embora.

– Vamos chamar a polícia, não vamos? – pergunto.

O pai não responde; senta-se num caixote com garrafas vazias e começa a tirar espinhos da mão. Descubro que também tenho sangue na minha, mas é de lha ter dado, claro.

Por que temos de ficar aqui como se nos escondêssemos? Estamos à espera de quê?

– Não vamos ter com a mãe lá dentro? – pergunto.

Contudo, continua sentado, agarrado à mão. Tem o cabelo todo desgrenhado e – a boina de leiteiro, onde foi parar? Deve estar no meio das roseiras, mas agora não me apetece ir buscá-la, não quero deixá-lo sozinho. Não percebo por que não entramos, por que ficamos aqui parados tanto tempo.

– Não há por que chorar – diz ele, e apercebo-me de que estou a chorar.

Há um grande alívio quando a Sanne dobra a esquina com a bicicleta e a pasta da escola.

– Que aconteceu? – pergunta ao ver as mãos ensanguentadas do pai.

– Nada – responde ele.

É estranho, mas quando ouço o pai contar à mãe e à Sanne o que aconteceu, não me parece tão perigoso como pensei. A minha irmã ri-se muito com o que o Budde disse acerca do pau, mas a mãe não entende; ou, pelo menos, não se ri.

– E não vamos telefonar à polícia? – pergunta, enquanto torce um pano da louça.

– Não sei – murmura o pai –, sigamos em frente.

– Ele deu-te um pontapé no rabo – digo, porque se esqueceu de lhes contar isso.

– Que o prendam, porra – grita a Sanne. – É uma besta e não se vai livrar desta facilmente!

O pai ri-se um pouco dela, como às vezes faz quando vê que está irritada. Mas não o vejo a rir-se quando a mãe lhe põe tintura de iodo nas feridas da mão.

– Achas que a polícia não o vai levar a sério? – pergunta a mãe.

– O que me assusta é que o levem demasiado a sério – responde ele. – No fim de contas, foi na nossa propriedade. Não, meus filhos, não deixemos que o sangue nos suba à cabeça. Quanto mais penso nisso, mais pena tenho do Budde. Imaginem que o multam e depois volta a acontecer a mesma coisa noutra sítio: fazem-lhe uma denúncia e acaba na prisão. Quem tomaria conta do seu talho? E quem alimentaria os seus animais?

Não entendo. Agora há que ter pena do Budde? Acaba de dar ao meu pai um pontapé no rabo.

– Como pode ser isso, pai? – pergunto.

– O problema é que não se consegue controlar – explica-me –, não está bem consigo próprio. Além disso, no final, os únicos afetados são ele e a sua família.

– Nós, em todo o caso, já não lhe compramos mais, isso está decidido – diz a mãe.

– Não é a primeira vez que dizem isso e não tarda estão outra vez na loja dele – queixa-se a Sanne. – São uns fracos. Já *eu* vou telefonar à polícia, quer queiram, quer não.

Começa a procurar na lista telefónica. O pai não sabe o que fazer para a deter e a mãe continua sentada a retorcer o pano. Eu tiro a lista telefónica das mãos da minha irmã mais velha.